

A TRADUÇÃO DE “MISS AUSTEN AND MISS MITFORD” DE MARGARET OLIPHANT

João Pedro de Souza Cobra Ribeiro; Júlia Brazuna de Souza

Maria Clara Pivato Biajoli

UNIFAL-MG; ICHL; joao.cobra@sou.unifal-mg.edu.br; julia.brazuna@sou.unifal-mg.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de tradução do artigo “Miss Austen e Miss Mitford” publicado em março de 1870 por Margaret Oliphant. Seu artigo é uma análise comparativa entre os trabalhos de Jane Austen e Mary Russell Mitford, dadas as diversas semelhanças entre seus focos narrativos. Essa tradução foi originalmente desenvolvida como parte da disciplina eletiva “Leitura e Tradução de Crítica Literária em Inglês I” oferecida pela UNIFAL-MG no segundo semestre de 2022, com um enfoque em textos sobre Jane Austen publicados em periódicos internacionais durante o século XIX.

METODOLOGIA/REFERENCIAL

O texto foi dividido igualmente entre as duas partes envolvidas e a metodologia utilizada seguiu as seguintes etapas: pesquisa sobre as três autoras (Oliphant, Austen e Mitford); apuração de termos e expressões comuns à época; produção da primeira versão da tradução; envio para *peer-review*; desenvolvimento da versão final.

O referencial teórico partiu principalmente do trabalho sobre tradução produzido pela Profª Drª Rosemary Arrojo. Em seu livro *Oficina de Tradução - A teoria na Prática* (1986), Arrojo reflete “(...) mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções.” (ARROJO, 1986, p. 41). Após essa experiência e com o conceito apresentado por Arrojo, compreendemos que a tradução desenvolvida do artigo de Oliphant não é a tradução exata do texto original, mas sim, o que consideramos ser o texto original, selecionando frases e expressões mais adequadas dentro da língua portuguesa de acordo com nossa interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do trabalho, deparamo-nos com diversas dúvidas como a tradução de títulos sociais da época, além de expressões sem equivalência direta para o português e palavras que soariam modernas demais se traduzidas literalmente. Alguns exemplos são: “household” e “drives”.

Após uma reunião para a retirada de dúvidas com nossa orientadora, acabamos por manter os títulos sociais como constavam no original, devido a algumas diferenças entre eles que não seriam devidamente transmitidas através do português. Por exemplo: ambos *Sir* e *Mr.* seriam traduzidos para “senhor”, o que apagaria o diferente privilégio e status social que o título *Sir* denota.

No doubt the foolishness of Sir John Middleton, who is so much afraid of being alone that the addition of two people to the population of London is a matter of delight to him; and of his wife, whose folly is concentrated in adoration of her children

Sem dúvida, as bobagens de Sir John Middleton, que tem tanto medo de ficar sozinho que a adição de duas pessoas à população de Londres é uma questão de prazer para ele, e as de sua esposa, cujo ponto fraco se encontra na adoração de seus filhos;

No caso do termo “household”, que não possui um equivalente direto com o português, adaptamos para “organização doméstica”, que parecia incluir o significado do original de forma mais apropriada. Ainda assim, optamos por incluir também uma nota de rodapé que melhor explicasse esse significado e portanto auxiliasse na total compreensão do texto.

The household is not described, but rises vividly before us as if we had visited it yesterday, with all its rusticity and ignorance, its eager thirst for pleasure, and incapacity to perceive the bad taste and futility of its own efforts.

A organização doméstica¹ não é descrita, mas surge de maneira vivaz diante de nós como se a tivéssemos visitado ontem, com toda sua rusticidade e ignorância, seus ávidos anseios por lazer, incapacidade de discernir o mau gosto e futilidade dos seus próprios esforços.

¹Do original: “household”, o termo se refere aos ocupantes de uma casa como unidade, não limitando-se apenas à família e incluindo também os empregados que convivem com ela.

A tradução da palavra “drives” também foi objeto de debate, visto que o verbo “dirigir” em português poderia causar estranheza junto ao restante do texto por soar muito moderno para a época. Como solução, optamos por “conduzir”, que além de fazer mais sentido com o período, também condiz com o meio de transporte citado.

and when we take our parting glance of Mr Collins, watching the country road from his ‘book-room,’ and hastening to inform his wife and her friends every time Miss de Bourgh drives by in her phaeton, we feel that the power of consistent remorseless ridicule can no further go.

E quando voltamos nosso olhar de despedida para o Mr. Collins, observando a estrada de terra de sua biblioteca e se apressando para contar à sua esposa e seus amigos todas as vezes que Miss de Bourgh passa conduzindo sua charrete, nós sentimos que o poder da constante ridicularização impiedosa não pode ir mais longe.

Em paralelo às dificuldades de termos ou vocábulos da época, outra dificuldade que nos deparamos foi a de adaptar a pontuação original de Oliphant. A escritora escreve sentenças longas, cheias de travessões e ponto e vírgula, um estilo de escrita não mais utilizado no inglês moderno ou no português. Assim, resolvemos utilizar ponto e vírgulas no lugar dos travessões e, em alguns casos, o ponto final no lugar de ponto e vírgula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, encontramos diversos desafios para traduzir. Esses desafios, como a tradução de vocabulários e conceitos da época, foram superados a partir de estudos sobre o período, como também por escolhas feitas pelos integrantes da dupla com base nos conselhos de nossa orientadora.

Ao levarmos em consideração as estratégias escolhidas durante a produção do trabalho, concluímos que esse condiz com a reflexão de Arrojo (1986) sobre como a tradução não é fiel ao texto original, mas sim aquilo que consideramos ser o texto original, ou seja, uma interpretação pessoal do que foi escrito por Oliphant.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução – A teoria na Prática*. São Paulo: Ática, 1986, p.41

HUSEMANN, Mary M. *Margaret Oliphant Wilson Oliphant (1828-1897): A Brief Biography*. [S. l.], 20 out. 2003. Disponível em: <https://victorianweb.org/authors/oliphant/bio.html>. Acesso em: jul. 2023.

LUEBERING, J.E. *Mary Russell Mitford: British writer*. [S. l.], 6 jan. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mary-Russell-Mitford>. Acesso em: fev. 2023.